

ANAIS
XI CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL
XVII CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL

ENTRE O CELIBATO E O ÓDIO:
O FENÔMENO CONTEMPORÂNEO DOS INCELS

Luciana Lins de Carvalho Rocha

Introdução

Muito embora a problemática dos discursos de ódio não seja recente, em tempos atuais, influenciados pelas novas modalidades de comunicação forjadas pelas tecnologias, é preocupante a constatação de que o impacto insidioso do discurso de ódio cresce de forma vertiginosa, dentro de um contexto digital que não conhece fronteiras.

É preciso ter em vista que o advento da internet tem produzido profundas mudanças no modo de ser, de agir e de se comunicar das pessoas, cujas possibilidades de interação permitem aos indivíduos ultrapassar até mesmo as barreiras da realidade espaço temporal (Donard, 2016). Logo, mais do que uma revolução digital, as novas tecnologias têm nos conduzido a uma revolução tecnoexistencial (Donard, 2016b), cujos efeitos ainda não compreendemos em totalidade.

As interações vivenciadas pelos internautas no ciberespaço e o surgimento de novas possibilidades identitárias levou ao desenvolvimento de novos vínculos sociais. Outrossim, conforme bem assinala Donard (2016a), as novas tecnologias proporcionaram à humanidade “a possibilidade de exercer de modo inédito sua capacidade destrutora, utilizando-se deste meio para captações desonestas, malversações ou propagandas belicosas” (p. 28). Além de constituir-se enquanto um território que enseja a produção de novos modos de subjetivação, o ciberespaço coloca em xeque a ordem civilizatória, uma vez que permite aos membros da sociedade violar de maneira inédita e anônima os princípios fundamentais do ordenamento social.

Por outra parte, é muito preocupante a capacidade dos discursos de ódio de promoverem passagens ao ato que, extraído-se do mundo virtual, se aplicam de forma concreta sob diversas modalidades: assédios, assassinatos, estupros e, de modo mais espetacular, ataques em massa a escolas, a lugares de diversão ou ainda a lugares de culto.

ANAIS

XI CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL XVII CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL

Somente em 2022 e 2023, o número de ataques em escolas no Brasil já supera os registrados nos 20 anos anteriores (BBC News Brasil, 2023), foram contabilizados nove atentados desde 2011, tendo sido cinco destes ataques com vítimas fatais. Ao todo, 52 pessoas foram assassinadas em atentados a instituições de ensino no país desde 2011, sendo sete somente no último ano.

Independentemente de sua forma, época ou grupo-alvo, o conteúdo manifesto em discursos e atos tem suas bases enraizadas em motivações inconscientes, tanto em nível individual quanto coletivo. Desse modo, interessa-nos aqui apresentar breve discussão acerca do fenômeno contemporâneo dos Incels, questionar possíveis motivações para o agrupamento de sujeitos que se aninham em bunkers da internet, tendo como afeto central o ódio, em particular às mulheres, bem como a variados grupos sociais minorizados politicamente. Para tanto, foi utilizado referencial teórico de alguns trabalhos de Freud, dentre os quais: Psicologia das massas e análise do eu e outros textos (1920-1923) e O Futuro de uma Ilusão (1927). O trabalho aqui apresentado baseia-se em um recorte de pesquisa netnográfica, cujas observações são de natureza não-participantes.

A face obscura da internet e a apologia do ódio

Conforme assinalam Souza et al (2015), em países como “China, Irã e Coreia do Norte, que possuem governos totalitários que monitoram o uso da Internet pela população local, o anonimato é essencial para a circulação de informações que venham a ser de utilidade pública, a *deep web* (rede encriptada) funciona, então, como forma de burlar a censura” (p. 06). Contudo, muito embora essa camada da internet tenha papel importante para a garantia das liberdades individuais, ela também tem sido, em razão do anonimato, uma ferramenta de disseminação do ódio e de práticas criminosas.

Como dissemos anteriormente, episódios de atentado terrorista e de crimes de massa vêm marcando o contexto sócio-histórico de nossa techno-sociedade; no entanto, alguns casos chamaram a atenção por terem certa particularidade: todos foram praticados por homens jovens que atuavam assiduamente em fóruns da *web* ou da *deep web*, denominados “*chans*”.

Esses *chans* (diminutivo de *channels*) eram formados por *boards*, fóruns de conteúdo (imagens, texto, desenhos.), e tinham por principal característica serem anônimos e efêmeros, o que viabilizava postagens de conteúdos violentos das mais variadas tonalidades. Alguns eram acessíveis na *surface web* (web não encriptada), porém a maior parte dos links necessitavam do acesso à rede TOR para funcionarem. TOR (*The Onion Router*) é uma rede informática superposta, mundial e descentralizada, composta por servidores que permitem

ANAIS

XI CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL XVII CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL

anonimizar a origem das conexões. O acesso é realizado pelo navegador TOR Browser, que deve ser instalado no computador. Durante longos anos, a rede TOR tornou possível a delimitação de um *dark web* com conteúdos criminosos ou apologéticos extremamente ativos, porém hoje certas redes sociais oferecem a possibilidade de criptografar e blindar as comunicações, o que permitiu a não localização das atividades e discussões da *dark web* para comunidades hospedadas no Telegram e até mesmo no WhatsApp.

Os usuários dos *chans* se unem em grupos em que comungam irrestritamente de ideias semelhantes, em que o outro, cujo modo de ser ou de pensar é diferente, torna-se o inimigo a ser combatido pelo viés do ataque odioso. Graças à garantia de anonimato total, os usuários têm a sensação de invisibilidade, sentindo-se seguros e onipotentes. Sob a égide da invisibilidade, o ódio e a intolerância se propagam com velocidade inigualável, fornecendo solo fértil à sementeira de ideologias favoráveis à violência. A lógica dos *chans* se diferencia das bolhas criadas nas redes sociais da *surface* (Facebook ou Twitter, por exemplo), uma vez que a “blindagem” ao contraditório não se dá por via dos algoritmos controlados e monitorados pelas plataformas, mas sim pelos próprios sujeitos, que rechaçam toda e qualquer argumentação contrária aos pressupostos do grupo.

Assim sendo, os *chans* são habitualmente formados por indivíduos de sexo masculino, geralmente adolescentes e adultos jovens, que, unidos por uma identidade e causas comuns, desenvolvem uma cultura própria, com um vocabulário caracterizado e uma filosofia perpassada por ideais racistas e misóginos. Tais grupos se tornaram o lugar de disseminação de conteúdos violentos e apologistas que gozavam da ausência total de censura permitida pelo anonimato e liberdade oferecida pelo *chan* frequentado.

No Brasil e no mundo homens têm se organizado em grupos de enaltecimento a um certo ideário de masculinidade e que, muito embora possam se diferenciar em determinados aspectos, têm em comum um discurso de ressentimento às mulheres, sobretudo às adeptas de correntes de pensamento feministas. Dentre os quais, destacam-se os *Red pills*, os *MGTOWs* e os *Incels*.

Grosso modo, os *Red Pill* defendem a submissão das mulheres aos homens, defendem um padrão de masculinidade baseado na virilidade, tendo em comum a característica de discurso motivacional ou *coaching*. Os *MGTOW* – sigla para “*Men Going Their Own Way*” em inglês, algo como “Homens Seguindo Seu Próprio Caminho”. É também um movimento *online* em que homens defendem a necessidade de se distanciar das mulheres, bem como dos padrões de relacionamento tradicionalmente estabelecidos como casamento. O argumento central dos *MGTOW* gira em torno da ideia de que as dinâmicas sociais e legais estão supostamente impregnadas pelos movimentos feministas, os quais

ANAIS

XI CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL XVII CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL

teriam tornado as mulheres perigosas, sendo desvantajoso para os homens se envolverem romanticamente com elas (Nery, 2023). Já os *Incels* têm por especificidade o que homens jovens chamam de “celibato involuntário”, em que as mulheres são responsabilizadas por supostamente rejeitá-los, de modo que o discurso a elas direcionado, além de altamente misógino, é profundamente ressentido e atravessado por sentimentos ambivalentes de desejo e ódio. Neste ensaio nos debruçamos de maneira mais acurada sobre estes últimos – os *incels*.

No Brasil, o *Dogolachan*, criado em 2013 por Marcelo Valle Silveira Mello (ou Psy, Batoré ou Psytoré) na *surface web*, se caracterizou de imediato pela disseminação de conteúdos relativos à pedofilia, racismo e incitação ao crime. Ainda hoje, surpreende a falta de monitorização dos conteúdos postados por este indivíduo, tendo em vista seu passivo judiciário. Marcelo havia sido preso em 2009 por comentários racistas *online* a respeito de estudantes cotistas da Universidade de Brasília e solto um ano e meio depois. Responsável pela postagem de comentários racistas, misóginos, homofóbicos e pedofílicos no blog "Silvio Koerich", ele foi condenado a seis anos e três meses de prisão após a Polícia Federal descobrir evidências de um plano de ataque terrorista contra alunos do curso de Ciências Sociais da UnB, assim como incentivos ao estupro de mulheres.

Cinco anos depois da criação do *Dogolachan*, Marcelo Valle Silveira Mello foi outra vez condenado, desta vez a 41 anos, seis meses e 20 dias de cadeia, por divulgação de imagens pedopornográficas, racismo, ameaças, incitação ao crime, entre outros. Homenageando o nome da professora pesquisadora Lola Aronovich, uma das pessoas mais assediadas e ameaçadas pelos membros do fórum, foi sancionada em 2018 a lei nº 13.642, conhecida como a “Lei Lola”, que outorga à Polícia Federal a investigação interestadual e internacional de crimes “praticados por meio da rede mundial de computadores que difundam conteúdo misógino, definidos como aqueles que propagam o ódio ou a aversão às mulheres”. No entanto, mesmo estando encarcerado, Marcelo Mello voltou a criar o site *Dogolachan*, desta vez unicamente acessível no *dark web*.

Os homens que odeiam as mulheres

Nos países de língua Anglo-Saxônica – principalmente nos EUA – alguns *chans*, tais como o *4chan*, foram frequentados desde seus primórdios por um subgrupo ou uma subcultura de indivíduos misóginos autodenominados *Incels* (*involuntary celibates*: celibatários involuntários). Trata-se de homens, geralmente jovens, que muito embora desejem se relacionar com mulheres, são incapazes de estabelecer com elas vínculos afetivo-sexuais. Em síntese, são grupos de homens misóginos que se reúnem em fóruns na internet

ANAIS

XI CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL XVII CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL

para culpar as mulheres por seus fracassos sexuais. Tendem a ser introspectivos, apresentam dificuldades de socialização e habilidade socioemocionais subdesenvolvidas, bem como baixa tolerância para lidar com suas frustrações e sentimentos ambíguos.

Nos fóruns frequentados por *Incel*s, as mulheres, denominadas “*Stacys*” e para as quais os *Incel*s criam categorias depreciativas como, por exemplo, “Depósitos de esperma”¹, ocupam posição central e ambivalente – ao mesmo tempo em que são odiadas, constituem objeto de desejo. Aparentemente, o fracasso em conseguir se relacionar com as mulheres parece retornar, de modo reativo, como ódio a elas. Os *Incel*s se categorizam enquanto subgrupo de homens antagônicos aos “*Chads*” – caricaturalmente são homens sexualmente bem-sucedidos com as “*stacys*”.

Outra característica parece unir tacitamente os *Incel*s: um sentimento de não pertencimento à sociedade, de inadequação, de incapacidade para se inserir, assimilar e funcionar dentro da ordem social. Em alguns desses indivíduos há marcadamente um padrão antissocial, um desprezo pelo pacto civilizatório e forte inclinação a transgredi-los. No entanto, existem indivíduos auto identificados enquanto *Incel*s que não parecem se enquadrar nesse padrão. Dado que são sujeitos aparentemente inseridos no contexto social de forma razoavelmente funcional, o que os conecta aos demais *Incel*s é a partilha por um mesmo afeto: o ódio; ódio banalizado às mulheres, às pessoas inscritas às margens da heteronorma, pessoas afrodescendentes, indígenas, não-brancas de modo geral, dentre outros grupos sociais minoritários que lhes despertam forte rechaço ao exercício da alteridade.

No Brasil, o termo *Incel* não é tão amplamente difundido como ocorre nos EUA, onde é possível observar em posts de redes sociais como Instagram usuários se identificarem enquanto “*Incel*s”, quando comentam posts ofensivos às mulheres. Entre os norte-americanos, é comum matérias jornalísticas estabelecerem correlações entre autores de ataques sangrentos às escolas, quando cometidos por homens jovens, com o movimento *Incel*. Situação que diverge da brasileira, uma vez que praticamente nenhuma matéria jornalística publicada no Brasil sobre os atentados correlaciona os agentes dos ataques com o fenômeno *Incel*, muito embora tenha surgido ampla gama de indícios que conectam os jovens autores dos ataques aos grupos extremistas neonazistas e aos *chans* de *Incel*s, dentre outros. As matérias publicadas no Brasil sobre os *Incel*s geralmente se baseiam em crimes ocorridos nos EUA, o que mostra que ainda não fomos capazes de compreender o fenômeno e suas articulações com o movimento contemporâneo dos *Incel*s em franco desenvolvimento no país.

¹ Termos ou gírias comumente usados para se referir às mulheres.

ANAIS

XI CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL XVII CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL

Em entrevista publicada pela BBC News Brasil (Jonathan Griffin, 2021), um *Incel* anônimo observa que um sentimento potencialmente pequeno pode ganhar corpo nessas comunidades:

Elas absorvem você para entrar nessa caixa de ressonância de pessoas que sofrem problemas similares [...]. Você pensa em algo pequeno... aí, você vê outras pessoas pensando em coisas muito mais radicais. Então, você acha que as coisas pequenas são aceitáveis[...].

Na prática, esses fóruns funcionam como salas espelhadas ou câmaras de eco, ou seja, o ecossistema individual e coletivo de informação viciada na repetição de crenças inamovíveis. Essas condições acabaram por redundar naquilo que vem sendo chamado de era da pós-verdade. (Santaella, 2018, n.p).

Os fóruns *Incels* são espaços de intensa radicalização, sobretudo no que diz respeito aos afetos, pois produzem ódio, extremismo, relativização e distorção de fatos históricos, além de engendrar a desumanização de determinados grupos sociais (geralmente minoritários) refletindo na severa produção de aversão contra estes. É desse modo que, perigosamente,

grupos políticos podem formar câmaras de eco em contextos nos quais indivíduos com posicionamentos semelhantes se isolam do resto da sociedade e possuem acesso somente a opiniões e informações que reforçam o posicionamento do grupo. (Recuero, et al, 2021, p. 04).

Além da misoginia, os fóruns frequentados por *Incels* fazem apologia ao culto às armas, sendo alguns desses grupos associados à incitação de ataques terroristas em escolas. Um exemplo recente é o de Henrique Lira Trad, jovem de 18 anos que, em agosto de 2022, invadiu a escola da qual era ex-aluno em Vitória no Espírito Santo, portando facas e bombas. O criminoso se definia nas redes como "*sancto*", vocabulário *Incel* usado para glorificar quem consegue realizar ações criminosas (Intrieri, 2023).

Panorama dos atentados perpetuados por *Incels*

Somente em 2022 e 2023, o número de ataques em escolas no Brasil já superou os registrados nos 20 anos anteriores (BBC News Brasil, 2023), foram contabilizados nove atentados desde 2011, tendo cinco destes ataques com vítimas fatais. Ao todo, 52 pessoas foram assassinadas em atentados a instituições de ensino no país desde 2011, sendo sete somente em 2023.

ANAIS

XI CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL XVII CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL

Em 2014, Elliot Rodger – um rapaz de 22 anos, publicou “*My Twisted World*”² (The New York Times, 2014), um manifesto de ódio e ressentimento ao mundo, sobretudo às mulheres. Repleto de visões deturpadas, apresentou, a um só tempo, um combo de misoginia, racismo, heterossexismo, dentre outras velhas formas de expressão do ódio e aniquilação da diferença, endereçadas aquele que lhe produz estranhamentos. Em 15 de junho daquele ano, após publicar seu manifesto de 140 páginas, Elliot gravou um vídeo para seu canal no YouTube em que revelava os meandros do crime que cometeria dali a alguns instantes – o massacre de Isla Vista, em cuja cronologia matou três estudantes, todos colegas com os quais dividia quarto, seguiu dirigindo e atropelando pessoas pelas ruas rumo às proximidades do campus da Universidade da Califórnia em Santa Bárbara. Ao todo, deixou um saldo de sete vítimas fatais, sendo três por esfaqueamento, quatro por arma de fogo, incluindo o autor que se matou ao final de tudo, além de deixar 14 feridos, alguns atingidos por arma de fogo e outros pelo veículo que dirigia.

Em março de 2015, ocorreu o ataque a tiros contra duas mesquitas na cidade de Christchurch, na Nova Zelândia, que deixou 50 mortos e 48 feridos. O crime foi cometido por um supremacista branco que antes de sair para matar anunciou o massacre que estava prestes a cometer em um *Chan* da *deep web* do qual era usuário, dedicado à propagação de ideias xenofóbicas.

Mais recentemente, em agosto de 2021, Jake Davison, de 22 anos, matou cinco pessoas em Plymouth, no sul do Reino Unido. Ele atirou em sua própria mãe, uma outra mulher, dois homens e uma menina de três anos, em um intervalo de seis minutos. Assim como Elliot Rodger, Davison publicava vídeos na internet, nos quais se queixava de seu isolamento social, dificuldade para conhecer e se vincular com mulheres, além de fazer referência aos “*incels*”. Davison também postou comentários odiosos nas redes sociais sobre mães solteiras e à própria mãe em particular, chamando-a de “*my vile dysfunctional chaotic mother*” (minha mãe vil, disfuncional e caótica). Segundo investigação publicada no The Guardian Uk (2021), Davison publicou em um fórum do Reddit: “não sou muito social e naturalmente quase antisocial, por isso não tenho grandes círculos sociais onde sei que posso encontrar meninas³”.

No Brasil, o *Dogolachan* cultuou assassinos como Wellington Menezes, de 23 anos, que, em abril de 2013, entrou na escola estadual onde havia estudado, em Realengo, matando dez meninas e dois meninos, se matando após ser atingido na perna por um policial. Muito

² Em tradução livre: “Meu mundo distorcido ou retorcido”.

³ Na postagem original: “*I’m not very social and naturally quite asocial so I don’t have big social circles where I know I can meet girls*”.

ANAIS

XI CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL XVII CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL

embora tenha sido pouco noticiado na mídia, Wellington também era um *hater*, apesar de ter queimado seus computadores antes de cometer o massacre, há registros de suas ligações com fóruns da *deep web*. Em 2018, André Luiz Gil Garcia, codinome Kyo, que fazia parte do grupo de moderadores do *Dogolachan*, abordou duas mulheres desconhecidas na cidade de Penápolis, interior de São Paulo, atirou pelas costas na nuca de uma delas, e cometeu suicídio em seguida.

Ainda no Brasil, em 2019, um crime entrou para a história tendo sido amplamente divulgado pela mídia nacional, conhecido como “o massacre de Suzano”, em que dois jovens invadiram a escola da qual outrora foram alunos, e atiraram matando sete pessoas – cinco estudantes e duas funcionárias, além de deixar outros onze feridos. Após investigações, concluiu-se que o ataque à escola foi ativamente premeditado e planejado pelos dois jovens em coparticipação com outros usuários do *Dogolachan*.

Em junho de 2019, a Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, recebeu ameaças de ataque armado também vindas de um usuário do *Dogolachan*. À época, capturas de tela (*prints*) dos diálogos entre usuários do site apresentavam conteúdo ofensivo a grupos com viés ideológico diverso do predominante entre os usuários desse fórum virtual.

Olhar para tais fenômenos exige uma leitura não isolada dos ataques às escolas que eclodem no mundo ocidental. Ainda mais desafiadora se torna esta tarefa quando se parte do entendimento de que é preciso alinhar, junto à psicanálise, uma leitura social do fenômeno dos discursos de ódio em grupos masculinistas de *Incels* e correlatos. Dito isto, é importante localizar que ao se debruçar sobre a teoria freudiana acerca do ódio não se está aqui pretendendo isolar a problemática do ódio inscrevendo-a ou encapsulando-a em uma leitura que encerra sobre sujeitos individuais um problema que é, de certo, decorrente da ordem civilizatória, e, portanto, da coletividade.

Discussão

Muito embora reste nítido que o fenômeno *Incel*, junto aos outros grupos misóginos citados acima, *Red Pills*, *MGTOWs*, *PUAs*, neonazistas, dentre outros, constitua grave problema de segurança e de saúde pública, cabe-nos questionar o fenômeno sob a ótica do sintoma social em que sujeitos que sofrem manifestam, individualmente e em bandos virtuais, os efeitos do desconhecimento da causa de seu sofrimento (Kehl, 2010). É neste sentido que o sintoma social se manifesta por meio de práticas e discursos automatizados que incidem, independente das estruturas psíquicas singulares de cada um de seus agentes, na violência

ANAIS

XI CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL XVII CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL

nossa de cada dia e em nossos traumas sociais, de modo que a questão dos *Incels* está além de um fenômeno particular da *web*.

Em *Psicologia das massas e análise do eu* (1921/ 2011), conforme assinala Marques (2015), Freud se debruçou sobre a influência que as massas podem exercer na transformação do sujeito, de modo que passam “a atuar, a pensar e a sentir de forma distinta daquela da qual sentiria, atuaria ou pensaria se estivesse sozinho. Em grupo, o indivíduo adquire uma sensação imbatível de poder, apto a não se render a impulsos que seriam reprimidos caso não estivesse em grupo” (Marques, 2015, p. 72). A partir daí, o efeito que se produz por meio da influência do grupo sobre o sujeito é um a perda do sentimento de responsabilidade que nos leva à repressão dos impulsos. “Isso ocorre porque, nas massas, desaparece o sentimento de responsabilidade capaz de reprimir esses impulsos. Na massa, ele tem comportamentos irracionais, carente de reflexão e de consciência, transformando-se em um autômato desprovido de vontade” (Marques, 2015, p. 72-73). O interesse individual passa a dar lugar à vontade do grupo, cujo sentimento e ato influenciam os membros do grupo de forma contagiosa (Marques, 2015).

Sobre a questão da identificação que se opera entre os membros dos *chans*, aludimos a Freud quando salienta que “a psicanálise conhece a identificação como a mais antiga manifestação de uma ligação afetiva a uma outra pessoa” (Freud, 1921/2011, p. 46). Tendo a identificação origens já na pré-história do complexo de Édipo, no qual o “garoto revela um interesse especial por seu pai, gostaria de crescer e ser como ele, tomar o lugar dele em todas as situações. Digamos tranquilamente: ele toma o pai como seu ideal” (Freud, 1921/2011, p. 46). É nesse sentido que Marques (2015, p. 77) reitera: “a identificação é percebida como a mais remota expressão de um vínculo emocional com outro indivíduo [...] a identificação possui o condão de moldar o ego de um indivíduo segundo aquele tido como modelo”.

Marques (2015), em alusão ao texto freudiano *Futuro de uma Ilusão* (1927/1990), destaca o paradoxo da vida em sociedade, em que o indivíduo tem dificuldade de lidar com a solidão, ao mesmo tempo em que se ressentido quanto ao peso dos sacrifícios impostos pela cultura na vida em comunidade. O que corresponde a dizer que a cultura, visando a defesa das tendências destrutivas do indivíduo, lhe exige renúncia às suas pulsões (Marques, 2015, p. 77). O ciberespaço possibilita aos indivíduos produzir uma via de pertencimento social (identificação) sem que haja necessidade de renunciar às suas pulsões.

O pacto civilizatório relegou o ódio a um lugar de interdição, lançando-o às margens dos afetos socialmente bem quistos. No entanto, para a “psicanálise, que procura iluminar as sombras, o primitivo e o pulsional, pode dar outros significados, sentidos e até certa positividade ao ódio, ao situá-lo como uma função psíquica que estrutura e defende o sujeito”

ANAIS

XI CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL XVII CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL

(Filho, 2021, p. 16). Na perspectiva freudiana, quando ocorre a renúncia ou repressão das pulsões sexuais e agressivas por parte dos indivíduos, tendo em vista a ordem social, a civilização conflita com seus membros que, caso se rebelem, podem destruí-la. “Assim, se por um lado a civilização se mantém pela renúncia aos impulsos sexuais e agressivos, por outro, tais restrições produzem a hostilidade do indivíduo contra ela” (Marques, 2015, p. 80). Ademais, no caso específico dos *incels*, é preciso observar que o anonimato fornecido pelo ciberespaço pode representar para tais indivíduos uma possibilidade de escapamento a tal renúncia, ou mesmo uma forma de recusa à castração – preço cobrado pela civilização ao indivíduo como requisito para sua inclusão na cultura.

Considerações finais

Embora os discursos de ódio e intolerância estejam banalmente incorporados em espaços outros, nos fóruns de *Incels*, em especial nos *chans* da *deep web*, tendem a se reproduzir livremente e com alcance mundial, tendo como alvo preferencial jovens em idade escolar. Assim, há que se questionar se não seriam os grupos de ódio hospedados no ciberespaço mais do que um mero problema isolado da internet, dada sua afeição e flerte com a violência, com o ódio, com práticas terroristas e apologia a diversas modalidades de cibercrime. Neste sentido, os discursos de ódio propagados na internet não são um problema apenas da *web*, mas sim da nossa sociedade, sobretudo porque a história registra sua existência, bem como sua capacidade destrutiva, em períodos anteriores ao advento da internet, que com esta passam a ter alcance célere e mundial.

Embora a sociedade não possa ser analisada do mesmo modo que um sujeito “o sintoma social não tem outra expressão senão aquela dos sujeitos que sofrem e manifestam, **singularmente ou em grupo**, os efeitos do desconhecimento da causa de seu sofrimento (Kehl, 2010, p. 124, grifo nosso). É neste sentido que, segundo Kehl “o sintoma social se manifesta por meio de práticas e discursos que se automatizam, independentes das estruturas psíquicas singulares de cada um de seus agentes” (2010, p. 124).

Partimos da compreensão de que é necessário conhecer a dinâmica de funcionamento desses bandos virtuais dedicados a práticas violentas, bem como suas clivagens com o autoritarismo, para, a partir de então, aprofundar as discussões sobre o tema e compreender sua real magnitude. Ao lançar sobre o fenômeno o olhar clínico da psicanálise, desejamos “escutar” o mal-estar singular dos *incels*, sem perder de vista a dimensão histórica, econômica, social e política destes sujeitos. Interpretar seus discursos e atos nos possibilita outras formas de enfrentamento, indo além da mera denúncia ou repressão, buscando

ANAIS

XI CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL XVII CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL

desvendar seus enigmas e expor as estruturas basilares do fenômeno. O manifesto dos *Incels* se apresenta enquanto sintoma de um mundo em crise, capitaneado, em termos, pelas redes sociais que, acessíveis à mão de todos, empreendem algoritmicamente uma reengenharia dos modos de ser e estar no mundo.

REFERÊNCIAS

- BBC News Brasil. *Os dados que mostram explosão no número de ataques a escolas no Brasil*. 5 de Abril de 2023.
- Donard, Veronique. A pesquisa em psicologia na era digital: novos campos e modalidades *Revista San Gregorio*, 2016, n.12, edição especial, julio- diciembre, (26-35).
- Donard, Veronique. *Fundamentos Epistemológicos e Novos Paradigmas de uma Revolução Tecnoexistencial*. In: E. M. C Fernandez, & V. Donard (Orgs.), *O Psicólogo frente ao desafio tecnológico: novas identidades, novos campos, novas práticas*. (pp. 37 - 52). Recife, 2016; Editora UFPE: UNICAP.
- Filho, Claudio De Oliveira. *Pelos caminhos do ódio - da pulsão ao narcisismo*. São Paulo 2021. Tese
- Filho, Herculano Barreto. *Atirador de Aracruz (ES) tentou esconder suástica para evitar identificação*. UOL Cotidiano, 2022.
- Freud, S. *Psicologia das massas e análise do eu e outros textos (1920-1923)* / Sigmund Freud ; tradução Paulo César de Souza — São Paulo: Com panhia das Letras, 2011.
- Freud, S. (1927). *O Futuro de uma Ilusão*. In: Freud, S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v. 21. Rio de Janeiro: Imago, 1990, p. 13-71.
- Griffin, Jonathan. *O mundo sombrio dos 'incels', celibatários involuntários que odeiam mulheres*. BBC News Brasil, 2021. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/geral-58300599>>. Acesso em: 23 set 2023.
- Intrieri, Laura. *Red pills e incels: por que é difícil frear misoginia online no Brasil*. Terra, 2023.
- Kehl, Maria Rita. Tortura e sintoma social. In: *O Que Resta Da Ditadura: A exceção brasileira*./ Edson Teles e Vladimir Safatle (Orgs.). - São Paulo : Boitempo, 2010.
- Marques, Oswaldo Henrique Duek. *Contribuições Psicanalíticas de Erich Fromm para a Compreensão do Nazismo*. Tese. PUC - São Paulo, 2015.

ANAIS

XI CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL

XVII CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL

Nery, Natuza. *Redpill, Incel, MGTOW: entenda o que acontece em grupos masculinos que pregam ódio às mulheres*. Portal g1, 03 de março de 2023.

Pereira, Izael. *Telegram: por que o app foi bloqueado no Brasil? Entenda a decisão da Justiça*. EXAME, 2023.

Popper, Karl. *A Sociedade Aberta e seus Inimigos*. Belo Horizonte, Itatiaia, 3 Edição, 1998.

Recuero, Raquel; Soares, Felipe; Zago, Gabriela. *Polarização, hiperpartidarismo e câmaras de eco: Como Circula A Desinformação Sobre Covid-19 No Twitter*. Contracampo, Niterói, V. 40, N. 1, Jan./Abr. 2021.

Roudinesco, Elisabeth. *A parte obscura de nós mesmos: uma história dos perversos*. Tradução André Telles; revisão técnica Marco Antonio Coutinho Jorge. — Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008. (Transmissão da psicanálise)

Santaella, Lucia. *A Pós verdade é verdadeira ou falsa? [recurso eletrônico]* / Lucia Santaella. - Barueri, SP: Estação das Letras e Cores, 2018, 96 p.; e PUB. - (Coleção Interrogações). (Ebook)

Souza, Ana Beatriz Leite de; Barbosa, Diego dos Santos; Melo, Michel Miron de; Rios, Riverson. *A Deep Web como ferramenta de produção jornalística*. Intercom – *Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação* – Rio de Janeiro - RJ – 4 a 7/9/2015

Teles, Edson; Safatle, Vladimir. *O que resta da ditadura: A exceção brasileira* / Edson Teles e Vladimir Safatle (Orgs.). - São Paulo: Boitempo, 2010.

The Guardian. *Plymouth gunman: a hate-filled misogynist and 'incel'*. 2021.

The New York Times. *The Manifesto of Elliot Rodger*. 2014.